

ENTRE MUNDOS



Flávia Magno

Sumário

Um	4
Dois	11
Três	18
Quatro.....	28
Cinco	39
Seis	47
Sete	58

Prólogo

21 de setembro de 1989

O céu estava azul e a brisa fresca. O campo, sempre tão belo, estava mais ainda naquele dia. As flores que começavam a florescer davam indício do início da primavera. Além, claro, do sol forte que iluminava o terreno. Os pássaros começavam a cantar, outros voavam pela imensidão azul.

Assim, calmamente, o lápis encostou no papel. Desenhando cada mínimo detalhe; desde as flores mais pequenas até os detalhes das árvores que estavam distantes. Desenhou com calma o campo em que se encontrava, sempre concentrado nas pequenas coisinhas que havia ali.

Pegou a caneta preta recém comprada para contornar o desenho que havia acabado de fazer, deixando o simples garoto de cabelos negros orgulhoso. Olhou mais uma vez para a peça de arte, tendo certeza que deu o seu melhor.

Por estar tão distraído, mal notou quando uma menina loira se aproximou de si. Interessada no que o moreno estava fazendo, perguntou-o calmamente o porquê de estar tão concentrado em seu caderno, causando-o um leve susto. Após perceber que era sua amiga, mostrou o caderno a ela.

“Está tão bonito...”

As palavras saíram de sua boca com leveza, essa que a garota sempre carregava consigo. E beleza, vale acrescentar. O garoto agradeceu e continuou contornando o desenho, enquanto a menina andava pelo campo em busca de algo interessante para se fazer.

Quem diria que, em pleno início de primavera, estaria tão entediada como agora? Não sabia se simplesmente sentava perto do garoto e o observava terminar seu desenho, ou continuava andando pelo campo florido observando como bonito estava.

Um tempinho depois, ouviu o pai de seu amigo o chamando. Já estava na hora de almoçar. Fechou seu caderno bufando, queria ficar mais tempo do lado de fora e sabia que após o almoço, sua mãe não iria deixá-lo sair de casa. Levantou do gramado limpando as calças e olhou para a garota, que simplesmente deu de ombros.

Caminharam juntos até a casa onde um cheiro maravilhoso estava no ar. Certamente, a comida de sua mãe é a melhor....

Um

9 de março de 2021

- Você devia é prestar atenção na aula em vez de dormir... - o amigo resmungou enquanto guardava suas coisas na mochila. As aulas mal tinham começado e o outro já estava todo esparramado na mesa.

- Quase não dormi essa noite! Fiquei fazendo o trabalho que o professor passou segunda e ainda tive um sonho estranho... - bocejou após a sua fala, esticando-se e olhando para o garoto ao seu lado, conhecido como Matteo.

- Que tipo de sonho?

- Tinha um garoto desenhando... e uma menina... - ficou pensando por um tempo, tentando se recordar do sonho que teve algumas horas atrás. - Ah, sei lá!

Continuou resmungando sobre o sonho para o amigo enquanto iam para a ala principal da faculdade.

As férias tinham acabado e as coisas voltado ao normal. Agora, estavam em seu último ano na faculdade. Com o futuro já planejado; trabalhos fixos e sonhos incertos, os dois garotos faziam o possível para se empenhar nessa última fase. *Mesmo que um já não tenha começado tão animado...*

Sentando em uma das mesas no centro, Matteo começou a ignorar o amigo que só sabia resmungar em como mal tinham começado as aulas e já tinha trabalho. "Parece adolescente no ensino médio..." pensou revirando os olhos.

Daniel parou de reclamar quando notou que o amigo nem olhava mais para ele, mas estava concentrado em algum movimento que estava ocorrendo atrás do mesmo. Arqueou as sobrancelhas, confuso e virando para ver o que acontecia. E logo suspirou.

Com os cabelos longos loiros, os olhos passando por todo o local, as roupas estilosas, as tatuagens sempre tão lindas; lá estava ela.

Pietra.

A garota era o significado da palavra "beleza". Seus traços eram delicados, até mesmo as inúmeras tatuagens que continha em seu corpo. Os cabelos loiros eram sedosos e macios, e tinha ainda mais, seus olhos: eram castanhos. Um castanho claro e bonito.

Os olhos de Daniel se arregalaram quando uma súbita lembrança da garota de seus sonhos apareceu, assim, fazendo-o notar que ela era totalmente parecida com Pietra. Apenas a diferença de que a outra garota tinha um ar de leveza e paz, enquanto Pietra era praticamente o oposto. Mais uma vez suspirou, já não bastasse ter um sonho (coisa que quase nunca acontecia), agora havia sonhado com outra versão de Pietra.

Virou para Matteo, este que ainda observava Pietra se mover no salão em busca de um lugar para sentar. Suspirou, apoiando o queixo na mão e fazendo desenhos imaginários na mesa. Mal notou quando Matteo passou a observá-lo, vendo como o outro estava totalmente distraído.

Os dois eram amigos a um bom tempo. Desde que se conheceram no primeiro dia de aula na universidade, não se desgrudaram. Matteo ainda apresentou seus outros amigos a Daniel, criando um grupinho. Todos eram muito unidos e só foi questão de tempo para que o resto dos amigos chegasse na mesa, para começar uma longa conversa.

Assim, o dia passou rapidamente. As aulas de Daniel terminaram mais tarde que os outros dias e quando isso aconteceu, suspirou aliviado por poder ir para casa, comer alguma coisa e se jogar na cama.

Falou tchau para os outros e seguiu seu caminho até a moto que comprou a pouco tempo. Havia trabalhado duro para conseguir pagar tudo certinho e finalmente poder usar sua querida.

Antes de colocar o capacete, pegou Pietra lhe observando. Ela mal se moveu, mesmo com o garoto a encarando de volta. Daniel sentia uma pitada de dúvida em seu olhar, ao mesmo tempo que os olhos felinos lhe investigavam todo. O rapaz sentiu um arrepio subir por sua espinha, isso porque estava era sentindo medo daqueles olhos observadores. Prendeu a mochila melhor nas costas e finalmente começou seu caminho para casa.

Logo que chegou, ouve o barulho alto da TV. Sua avó estava sentada na poltrona, enquanto em uma mão estava o controle e na outra o telefone fixo. Sabia que ela estava falando com a irmã, e logo após desligar a chamada, se distraiu com o filme que passava. Estava tão concentrada, que nem notou quando o neto se aproximou por trás e, sorrateiramente, colocou as mãos no cabelo branco da senhora.

Sua avó, Alexandra, levou um susto e quase tacou o controle na direção do neto quando notou o que havia acabado de acontecer. O rapaz só sabia rir da expressão brava da avó, mas ainda havia a pitada de preocupação em seu olhar divertido (não queria assustar tanto a sua avó, a ponto de ela ter algum troço bem no meio da casa).

- Menino... nunca te ensinaram que não pode assustar os mais velhos?
- Perguntou, voltando a se arrumar na poltrona, procurando uma posição melhor para continuar o filme.

- Desculpa, vó. Mas a senhora estava tão concentrada que não pude perder a chance... - se aproximou, deixando um beijo em sua testa e caminhando até a cozinha, esta que era somente separada da sala por um balcão. - Onde está meu irmão?

Ali vivia somente Daniel, sua avó e seu irmão mais novo. Sua mãe tinha partido a um bom tempo atrás, deixando um bebê para cuidados de Daniel; a gravidez de seu irmão não tinha sido nem um pouco fácil, ainda mais no final. Seu pai, somente pagava a escola do filho mais novo e visitava de vez em quando.

- Ele disse que ia ao cinema com uns amigos. - Alexandra disse totalmente desinteressada, como se quase não morresse de medo quando o neto mais novo chegava tarde em casa.

Daniel suspirou. O irmão estava saindo muito ultimamente e quase não parava em casa. Pelo menos, sempre falava para onde ia e com quem. Raramente mandava mensagem dizendo como estava. O rapaz só tinha dezesseis anos, mas muitas vezes se achava um adulto, o que deixava Daniel preocupado - e zangado.

- A senhora já comeu? - Perguntou à avó, começando a preparar um sanduíche para colocar na chapa.

- Ainda não.

- Vou fazer um para a senhora, então. - Resmungou concordando, ainda sem tirar os olhos da TV, o que fez Daniel rir.

Terminando os sanduíches e comendo-os com a sua avó, Daniel se deitou no sofá enquanto Alexandra voltava a ver o filme em sua poltrona. Vendo o filme, sua cabeça aparentava estar cheia. Pensava no irmão, no

trabalho (em que suas férias estavam acabando), seu sonho com outra versão de Pietra e mais milhões de outras coisas da faculdade.

Logo que o filme acabou, sua avó olhou para ele e ficou encarando-o por um tempo. Alexandra era meio doidinha, para ser sincero. Não passava dos oitenta anos, mas era tão elétrica que às vezes parecia ter somente sessenta.

Se levantou devagar e colocou o controle perto do neto, dizendo que ia tomar banho e que quando o irmão mais novo chegasse, era para chamá-la. Colocando em um canal qualquer, pegou o celular e se distraiu por um tempo, até que seus olhos começaram a pesar e o sono logo veio à tona.

Dois

22 de setembro de 1989

Ao abrir os olhos, a primeira coisa que viu foi o balançar das árvores mais a fundo. Apoiando as mãos no chão, levantou o tronco se sentando. Olhou ao redor e estava no mesmo campo do seu sonho anterior.

A certa distância, podia-se ver uma casa. Esta que não era nem tão grande, nem tão pequena. Abaixo de si estava uma manta vermelha, estendida na grama, junto com uma cesta. Mais uma vez, olhou em volta vendo como as coisas eram bonitas e cheias de vida: nunca vira uma grama tão viva como aquela em toda a sua vida.

Assim, viu o mesmo garoto do seu sonho andando em sua direção; ele olhava para o caderno que estava em suas mãos. Quase teve um infarto quando o garoto estava prestes a sentar em cima dele, quando sentiu-se evaporar por um segundo. Afastou-se assustado, o garoto tinha simplesmente o atravessado! Mas claro, era um sonho.

Se acalmou e ficou observando o moreno desenhar algo, logo escrevendo algo no final da página. Daniel.

Ah pronto, agora a pessoa de seu sonho também tinha seu nome! Maneiro.

Estava tão travado que só sabia encarar o garoto, este que começou a olhar ao redor com o cenho franzido. Coçou a nuca ainda com um olhar interrogador, depois passou as mãos pelos braços como se estivesse ficando com frio, mesmo que o sol estava tão forte e mal tinha nuvens.

- Sinto como se alguém estivesse me observando... - resmungou baixinho, mudando a página e começando um novo desenho.

Assim, o tempo foi passando e o garoto, ou melhor, Dani (preferiu chamar assim, para não ficar mais confuso ainda) continuava desenhando. Já estava ficando entediado e, para melhorar, parecia que não ia acordar tão cedo e sair deste sonho. Agradeceu aos céus quando ouviu uma voz feminina chamar Dani, fazendo-o recolher as coisas rapidamente e correr na direção da voz. Claro que Daniel foi segui-lo, não ia ficar parado olhando o nada.

- Querido, vá tomar banho e volte para jantar. - A mulher falou logo que entraram na casa, passando as mãos pelos cabelos de Dani em forma de carinho. O garoto apenas assentiu, subindo as escadas. Os passos estavam apressados, então decidiu que no meio do caminho começaria a correr.

Daniel entrou mais na casa, com um súbito sentimento de nostalgia. Não era um lugar grande, mas tão confortável que até se sentia em casa. A sala era o maior cômodo do primeiro andar, com um sofá claro, um tapete e a mesa de centro. Uma TV antiga se localizava em cima de um móvel de madeira, onde também continha fotos. Começou a olhar as tantas fotos, mas uma lhe chamou mais a atenção.

Era Dani, a mulher de mais cedo, e um homem que segurava um bebezinho no colo. Esticou a mão para tocar a foto, mas ela acabou atravessando a moldura, fazendo-o encolher o braço de volta. As coisas pareciam reais demais, como se ele fosse um fantasma que estava em uma casa comum, em um dia comum. Suspirou e voltou a olhar a foto, sua expressão estava uma confusão quando notou a familiaridade no rosto do homem e da mulher. Com o coração acelerado, o rosto de seu pai e sua mãe lhe vieram à cabeça, junto com uma tontura, fazendo-o fechar os olhos.

[...]

10 de março de 2021

A primeira coisa que ouviu foi o ranger de uma porta, junto com o barulho de chaves. Abriu os olhos em um pulo, se sentando e olhando o irmão mais novo acabar de fechar a porta de entrada. Logo que se virou, ficou estancado, não sabia se ficava com medo de levar uma bronca ou ria da cara toda desajeitada de Daniel.

- Onde você estava? - Se endireitou no sofá, pegando o celular e olhando o horário, para logo olhar o irmão com os olhos esbugalhados. - Por que chegou a essa hora, Yuri? Mesmo que amanhã não tenha aula, não significa que possa chegar nesse horário!

- Tá, tá! Não precisa ser tão chato... - deixou a mochila em cima de uma das cadeiras da mesa de jantar, se jogando no sofá perto do irmão.

- Você não respondeu à minha pergunta.

- Só fui dar uma volta por aí...

- Sozinho? - Ergueu uma sobrancelha. O comportamento de Yuri só ficava cada vez mais estranho.

- Não, estava com meus amigos. - Suspirou cansado do interrogatório. Costumava sair de casa para poder respirar, se sentir bem e não sozinho. O que era comum de sentir quando ficava em casa, mesmo quando todos estavam juntos.

- Você quer me falar algo? - Daniel perguntou após um tempo de silêncio, olhando para Yuri e tentando descobrir o que se passava na cabeça do mais novo.

- Eu só... - suspirou, mexendo nos fiapos da blusa. - Tenho nada pra falar não... vou subir.

- Yuri. - Pegou em sua mão quando ele ameaçou levantar, puxando-o de volta para que sentasse. - Você pode me falar qualquer coisa, está bem? - Apertou sua mão e recebeu um aperto de volta, junto com a confirmação de cabeça de Yuri. - Ótimo, agora vá dormir, pirralho.

Daniel bagunçou os cabelos de Yuri, fazendo-o rir. Pegou a mochila deixada na cadeira e subiu as escadas até o próprio quarto. Depois disso, Daniel teve tempo para pensar no sonho que teve, ficou tão agoniado sobre tudo que até pesquisou na internet, mas claro que aquilo não resultou em muito: não achava nenhum site que dizia algo exatamente ou pelo menos parecido com o que sentiu ao sonhar.

Assim, os dias foram se passando. O final de semana foi mais calmo e não teve nenhum sonho, somente fez o que precisava para a faculdade e logo a segunda chegou novamente.

No momento, estava comendo com os amigos em uma lanchonete perto da faculdade. Estava mais concentrado na comida em sua frente do que na conversa que ocorria ali no momento, mas um certo trecho chamou a sua atenção.

- Vocês sabiam que tem uma lenda que diz que seus sonhos são como outras dimensões? - Um dos seus amigos disse, totalmente animado pela descoberta.

- Como assim? - Daniel perguntou, claramente ficou interessado no assunto, pois isso lhe fez lembrar de seus sonhos.

- É como se o seu sonho fosse meio que uma visão de um “mundo paralelo”, com outras versões de você mesmo. Ah... não sei explicar direito. - Resmungou no final, sem saber bem como explicar para o amigo. Marco tinha um certo problema de não se expressar muito bem, mas isso não o atrapalhava em ser um ótimo amigo e uma pessoa animada.

Matteo começou a contar seus sonhos, coisa que ia de algo normal à fantasmas e dragões, fazendo os outros rirem com as piadas que fazia no meio da história. Daniel ficou mais distante pensando em seu próprio sonho: estaria certo o que Marco disse ou estava simplesmente pensando demais? Ainda mais pelo fato de Pierra ter, de certa forma, aparecido em seu sonho.

Mais uma vez, o dia passou rápido. Antes de voltar para casa, passou na escola de Yuri para buscá-lo e assim continuar seu destino. Quando chegou, Alexandra estava na cozinha, provavelmente fazendo algum bolo. Falou com a sua avó e foi logo em direção ao próprio quarto, jogando a sua bolsa na cama junto de si. Mesmo cansado, tomou um banho rapidamente e foi para a sala, onde Yuri já se encontrava mexendo no celular.

Jantaram juntos um tempinho mais tarde. Após, todos foram para seus devidos quartos, estando Daniel extremamente ansioso como em todas as outras noites. Nunca sabia quando ia ter um sonho ou não, e ao mesmo tempo que queria ter, não queria por receio daquela sensação mais uma vez.

Três

25 de setembro de 1989

E mais uma vez, lá estava ele. Desta vez, em um quarto, que não era tão grande nem pequeno. Havia uma cama de solteiro encostada na parede, bem ao lado de uma janela junto a um violão. Perto, tinha uma mesa cheia de canetas, livros e cadernos. Um teclado se encontrava ao lado da porta junto a um cabide de parede. As paredes eram lotadas de fotos, *posters* e desenhos que em certos pontos, chegavam até o teto. Pela janela, podia-se ver o fim da tarde. A luz baixa entrava, assim deixando o quarto em um tom mais amarelo. Não era um lugar muito arrumado, mas tinha seu próprio charme.

Sem saber o que fazer, Daniel deu mais uma volta completa pelo cômodo, olhando os pequenos detalhes. Sentou-se na cama depois de um tempo e achou curioso o fato dela ser tão física para um sonho. Entediado, começou a olhar a vista da janela; dava para ver o campo em que esteve no último sonho, tendo quase certeza de que este era o “quintal” da casa.

Então, decidiu sair do quarto. Primeira coisa que notou ao sair, foi o quadro que tinha na parede ao lado da porta. Era um desenho simples, olhou com mais atenção e notou que era o campo do lado de fora junto a uma menina loira. Esta que Daniel supôs ser a outra versão de Pietra. Provavelmente, Dani que fez a pintura, já que quase sempre que estava sonhando, o garoto se encontrava do lado de fora.

Esticou o braço e tocou na pintura, dedilhou o contorno das árvores até chegar na garota, afastando a mão bruscamente quando ouviu algo cair atrás de si. Se virou rapidamente, se deparando com Dani estático olhando em sua direção e uma sacola no chão.

Acalmou-se, já que o garoto não podia vê-lo, mas soube que pensou errado logo que Dani saiu correndo, gritando que alguém havia invadido a sua casa. Desesperado, só soube correr atrás do menino sem saber o que fazer direito. Quando chegou na sala, Dani estava grudado a mãe, apontando na direção das escadas - onde Daniel estava.

- Não estou vendo nada. - Sua mãe disse, tentando o afastar.

- Como não? Olha! Bem ali. - Continuava a apontar em direção a Daniel, este que continuava parado olhando os dois.

- Está com febre, querido? Não tem nada ali... - Perguntou, colocando a mão na testa do filho para medir a sua temperatura. Sem sentir nada de diferente, tornou a sair de casa por um motivo que Daniel ainda não sabia.

- Não é possível... - devagar, Dani foi se aproximando do outro. Estava com medo, claro. Tinha plena certeza de que estava vendo uma pessoa, e não podia ser um fantasma. Não tinha aquele aspecto velho, como lia nos antigos livros de seu pai. Ou tinha alguma parte de seu corpo ensanguentada.

Daniel estava parado, não queria assustar mais ainda o garoto, somente esperava pacientemente o que ele iria fazer em seguida. E logo aconteceu; Dani esticou um dos braços e tocou o indicador na bochecha do outro. Por um momento, Daniel achou que o menino fosse desmaiar ou ter algo bem ali, já que começou a ficar pálido.

- Acho que estou pirando...- Foi se afastando, até encostar no sofá. Continuava a olhar para Daniel como se ele fosse uma coisa de outro mundo (não que ele não fosse).

- Você é real? - Foi a primeira coisa que passou pela sua cabeça, mesmo Dani sabendo o quão estúpida aquela sua pergunta fora.

- Não sei. Você que está em meu sonho. - Cruzou os braços, se apoiando em uma das pernas e olhando Dani.

- Como assim, sonho? Se fosse sonho, eu também estaria sonhando! E tenho plena certeza de que não estou sonhando! - Sua voz foi ficando mais fina e alta a cada frase dita, estava achando aquilo loucura. - Por favor, só saia da minha casa! Não tem nada para roubar aqui, eu juro!

- Se fosse para roubar algo eu já teria roubado. - Murmurou. - Como eu seria um ladrão sendo que a sua mãe nem me viu?

Dani passou a mãos nos cabelos, não podia ser verdade que estava mesmo vendo um fantasma. Mas aquilo não fazia sentido! Seu aspecto, como dito, não era de um, ele era físico e as coisas não atravessavam ele! Porém, sua mãe não conseguia vê-lo, o que só deixava as coisas mais confusas.

Devagar e sobre os olhos atentos de Daniel, Dani esticou o braço para trás e rapidamente pegou uma almofada, batendo-a com força na cabeça de Daniel. O rapaz atingindo só soube colocar a mão na cabeça após o baque da almofada, nunca pensou que poderia doer tanto assim.

- Você sente dor... - falou com os olhos esbugalhados, antes de se afastar bruscamente após uma fumaça se formar em volta de Daniel. Quando desapareceu, o outro rapaz não estava mais ali, isso só para deixar Dani mais apavorado.

[...]

15 de março de 2021

Desde que acordou, sua cabeça doía de uma forma terrível. Não podia estar sentindo dor de um sonho e, mesmo que sentisse, uma simples almofadada não poderia doer tanto assim. Calmamente, se levantou da cama e foi em direção a cozinha, onde já encontrou sua avó preparando o café. Mesmo dizendo milhões de vezes que ela não precisa fazer tal esforço, ela ainda teimava.

Daniel puxou uma das cadeiras da bancada central da cozinha, ainda massageando sua cabeça com a mão para que a dor passasse. Foi quando sua avó virou para olhá-lo.

- Oh! Achei que ainda estava dormindo, querido. - Deixou o pano de lado e se aproximou do neto para deixar um beijo em sua testa. - Bom dia.

- Acordei agora, avó.

Ficou quieto tomando café com a senhora, os dois estavam quietos e pareciam com muita coisa na cabeça. Daniel ficou meio indignado, o mais provável que sua avó estava pensando era o que iria acontecer com o casal que passava na novela das nove. Mas esse pensamento sumiu rapidamente quando a ouviu resmungar e olhar para o neto.

- Você anda sonhando? - Perguntou como quem não quer nada, mexendo a colher na sua xícara com leite e café.

- Uh... é, acho que posso dizer que sim...

- Por que essa incerteza?

- A senhora vai achar que estou louco se contar... - Sua avó o olhou curiosa, incentivando-o a contar mais sobre os *sonhos* que andava tendo. - É como se fossem reais, sabe? Reais demais. Parece que eu sou um fantasma olhando a vida dos outros.

- Achei que ia demorar mais... - Alexandra se levantou de supetão, assustando o neto. A senhora foi até uma prateleira de livros que se encontrava na sala, esta que era repleta de livros de sua avó.

Ficou quieto na cadeira até a sua avó voltar para o balcão junto a um livro com um aspecto velho. Analisou o livro quando ele foi colocado em sua frente, ainda com a sua avó em pé ao seu lado.

- O que é isso...? - Daniel perguntou meio relutante.

- Um livro. - Sua avó respondeu calma, fazendo Daniel revirar os olhos. - É um diário, para ser mais exata. Aqui conta a história de uma pessoa que morreu a muito tempo em nossa família. Além do mais, este diário me ajudou muito quando eu passei pela mesma coisa que você.

- O que a senhora quer dizer com “quando eu passei pela mesma coisa que você”?

- Ah, querido... - Alexandra passou a mão nos cabelos do neto antes de voltar a se sentar no banquinho. Assim, voltando a explicar. - Me diga: acabou de falar que está tendo sonhos e que sente que eles são reais demais, certo?

- Sim, mas...

- Espera! - Interrompeu o neto, fazendo-o ficar calado na hora. - Não são somente sonhos. São como visões, de outra dimensão.

A face de Daniel se contorceu em total confusão. Como assim dimensões? E visões? A conversa com a sua avó só estava ficando cada vez mais sem sentido. Com uma conversa simples, chegou a um diário - o que já começou a ficar sem sentido por ela ter pegado o livro do nada -, dizendo que era de uma pessoa que morreu a um bom tempo e a ajudou com algo. Não fazia o menor sentido!

- Vou te explicar melhor. Você está tendo esses certos “sonhos”, mas com o tempo, eles vão se tornar mais reais. Com o tempo, as pessoas vão começar a te ver e te tocar. Algo assim já aconteceu? - Daniel suspirou, assentindo. - Certo... Porém, você também poderá ficar preso neste “sonho”, que é como outra dimensão da nossa realidade. Ela pode ser no passado, presente ou futuro.

- Como eu vou ficar preso?

- Você tem algo como uma missão, querido. Você precisa descobrir qual é para poder acabar com esses sonhos.

- E como é que eu vou saber se a senhora está falando a verdade, ou simplesmente esqueceu de tomar os seus remédios?

- Ah, por favor Daniel! - Alexandra revirou os olhos. Achava que o neto ia simplesmente aceitar o que disse e começar a procurar as pistas para conseguir sair dos sonhos o mais cedo possível, mas aparentemente não era isso que ia acontecer. - Pense comigo, tudo que falei está acontecendo. No início, as pessoas somente sentiram sua presença, certo? Depois você apareceu para alguém e assim por diante.

Daniel ficou quieto. Não que sua avó estivesse errada, mas aquilo parecia muita loucura. Existiam tantas lacunas vazias na história contada por Alexandra que não sabia no que acreditar.

- E o que aconteceu, hmm... na sua vez?

- Ah sim. Minha missão era sobre juntar um casal, mas o irmão da garota queria matar o menino por que aconteceu umas coisas... É uma longa história! Leia o diário, Daniel, você irá ver que eu estou certa. Essas coisas acontecem de geração em geração, mas nem todos têm o "privilégio" de ter esses sonhos. Na verdade, andei conversando com a sua tia-avó e ela me disse que conheceu uma garota que também anda tendo esses sonhos. - Balançou as mãos, notando que já estava saindo do assunto.

- Mas vó... e se você não completar a missão? Digo, se passar muito tempo e você não conseguir completar?

- É como eu disse querido, se você não completar a sua missão depois de muitos anos, irá ficar preso para sempre nessa outra dimensão. É como se você fosse virar um fantasma. Enquanto que no mundo em que vive atualmente, entra em um coma.

Alexandra ficou encarando o neto, esperando alguma reação. Mas nada vinha. Daniel ainda estava confuso, somente terminou o café que restava em sua xícara e pegou o livro, dando um beijo na testa de sua avó dizendo que ia voltar para o quarto.

Se jogou na cama logo que chegou, junto ao diário ao seu lado. Passou as mãos pelo rosto antes de se sentar e pegar o diário para ler.

Peter Martini. Este era o nome que estava escrito logo na primeira página, junto a um desenho de uma rosa.

E foi assim, que sua jornada estava prestes a começar.

Quatro

30 de setembro de 1989

Os dias foram se passando, junto aos seus sonhos que iam aumentando. Apesar disso, nada havia mudado. Somente Dani conseguia vê-lo, tanto que ficava mais calmo sempre que Daniel aparecia e sumia do nada. Também leu o diário do suposto Peter; a data em que começou a escrever o diário era bem antiga, mas o que falava sobre as supostas visões que tinha era totalmente igual aos sonhos de Daniel.

Após a metade do diário, Peter parecia saber mais sobre as visões que tinha, então já sabia o que fazer para elas pararem. Diferente de Daniel, que continuava a ir e voltar sem saber o que fazer para que tudo acabasse. Sua avó disse que precisava descobrir a certa missão, mas não tinha a menor ideia qual era.

A poucos dias atrás, em um de seus sonhos, a outra versão de Pietra apareceu para conversar com Dani. Descobriu que os pais dos dois eram do exército e já havia um bom tempo desde que não recebiam nenhuma carta ou sequer um telefonema dos dois. Além de sentir um arrepio sempre que chegava perto da garota.

Com essas “descobertas”, pensou em duas coisas: será que a sua missão teria algo a ver com o pai de Dani? Pois sempre via o garoto falar sobre ele ou pegava-o vendo fotos de sua família. Além de ter achado estranho ter uma outra versão de Pietra, justo próximo de Dani, o que veio com uma ideia maluca de Pietra também ter esses sonhos, o que talvez faria sentido pois no primeiro dia de seu sonho, Pietra ficava observando-o. Sua avó também disse que a irmã conheceu uma garota que tinha os mesmos sonhos. *Seria muita coincidência, certo? Certo.*

No momento, estava deitado na cama de Dani lendo um dos seus gibis. Era tão diferente dos gibis de seu ano, tanto a parte do material como os desenhos. Já Dani, estava quieto em sua mesa escrevendo algo. Havia um tempo que o garoto estava totalmente concentrado no que estava fazendo, nem mesmo Daniel se levantando e perambulando pelo quarto o desconcentrou.

- O que você está fazendo? - Deixando o gibi de lado, Daniel se levantou e ficou atrás de Dani, observando-o.

- Ah, eu queria fazer algo para o meu pai quando ele voltar. Sabe, ele sempre gostou de coisas como arte e música, então pensei em desenhar algo para ele e escrever uma música... se eu conseguir. - Dani começou a fala mais animado, porém foi terminando, seu tom de voz já ia mudando. - Eu nem sei se ele vai voltar mesmo. Pelo menos você está comigo agora.

Daniel sorriu, bagunçando os cabelos do mais novo. Sempre que olhava Dani, lembrava de seu próprio irmão, o que às vezes fazia-o sentir uma grande saudade.

Sabia que uma hora teria que deixar Dani para poder voltar a sua rotina normal, sem sonhos ou qualquer coisa desse tipo. Ficava meio apreensivo pelo garoto, pois sabia que passava a maior parte do tempo sozinho em casa, isso quando não estava na escola. Mas já tinha ouvido por Dani que não tinha muitos amigos, só um pequeno grupinho. Dani diz que isso não é ruim porque ele já é muito feliz com seus amigos atuais.

Sua mãe passa mais tempo fora de casa, vendendo doces caseiros para conseguir pagar tudo direito. Mesmo com a ajuda do marido no exército, as vezes não era o suficiente para manter a casa e todos os gastos diários. E como dito antes, o pai de Dani não mandava cartas ou telefonemas a um certo tempo, deixando tanto o filho como a esposa preocupados. Havia sim épocas em que passava um bom tempo sem falar nada pois ficava ocupado com o trabalho, mas nunca tanto quanto agora.

Já viu várias vezes Dani pedindo antes de dormir um sinal de seu pai, nem que fosse simplesmente uma mensagem de “estou vivo”, ele só queria notícias boas. Sabia o pensamento que passava pela cabeça de Dani no momento, por isso devia estar tão dedicado a fazer um desenho e uma música.

Ficou um tempo olhando Dani desenhar, pôde notar que era uma das fotos que ficava grudada em uma de suas paredes. Esta continha seu pai, sua mãe e ele. Todos sorrindo. Pareciam felizes e que a foto não era de muito tempo atrás, já que Dani não parecia tão novo.

- Quando você acha que vai dar para ele a carta? - Daniel perguntou.

- Eu ainda não sei. Quando ele responder as mensagens da mamãe e dizer quando puder nos visitar, eu vejo isso. - Respondeu com a voz baixa.

Daniel voltou a andar pelo quarto, olhando mais uma vez todas as coisas que continham em um quarto nem tão grande.

Como ninguém além de Dani conseguia vê-lo, decidiu sair de seu quarto e descer as escadas, indo em direção à sala. Sua mãe também não estava em casa, o que facilitava quando Daniel ficava entediado e não conseguia voltar para a sua vida real. Sentou no sofá, puxando uma das almofadas para o seu colo. Estava quase dormindo quando ouviu um barulho vindo do lado de fora da casa. Levantou rapidamente e ficou olhando pela janela da sala, onde dava uma visão perfeita da entrada da casa.

A mãe de Dani parecia prestes a entrar em casa, quando um homem apareceu. Este usava um uniforme do exército deixando Daniel mais apreensivo pois isto o fez pensar que era algo a ver com o pai de Dani.

- Boa tarde, senhora. - Abaixou a cabeça minimamente.

- Boa tarde... - respondeu meio receosa. Nunca havia visto o sujeito e não sentia uma sensação boa vindo dele. Algo parecia errado. - Gostaria de saber quem é o senhor? E por que está aqui?

- Eu vim como forma de mensagem de seu marido, Peter Martini.

Agora sim a cabeça de Daniel havia dado uma volta. Por que o nome do pai de Dani era o mesmo que estava no diário? Isso tinha algum significado? Ou era simplesmente uma coincidência? Já nem sabia o que pensar.

- Aconteceu algo? - Perguntou preocupada.

- Não exatamente. - O homem puxou uma carta de um dos bolsos de sua mochila, esticando-a em direção a mulher. - O Senhor Martini pediu para lhe entregar esta carta. Que eu saiba, nada aconteceu com ele, se isso lhe acalmar.

- Ahm... Sim, um pouco... - Pegou a carta, empurrando-a contra o próprio peito. Estava com medo do que continha ali dentro. Sempre estava preocupada com o marido por ele trabalhar no exército e sentiu mais medo ainda nas últimas semanas, sem uma notícia sequer.

O homem lhe deu mais algumas informações, nem tão relevantes. Logo que foi embora, Rosa, nome da mãe de Dani, se dirigiu até a porta de entrada da casa. Ficou alguns segundos segurando a maçaneta, pensando se devia ler a carta dentro de casa ou não. Enquanto isso, Daniel já estava quase tendo um ataque por tanta demora.

Rosa finalmente entrou em casa, deixando a bolsa em cima da mesa de jantar e indo em direção à sala, onde se sentou no sofá. Daniel se aproximou dela, ficando logo atrás. Talvez fosse sim uma invasão de privacidade ler algo tão íntimo, mas isso poderia lhe ajudar em sua *missão*.

Rosa abriu a carta com certa pressa, em um ato impulsivo. Foi a única hora em que conseguiu arranjar coragem e não queria perder a chance. O texto que continha não era muito grande, mas a caligrafia era tão bonita. O coração de Rosa batia com força, e assim começou a ler a carta.

“Olá querida Rosa,

Como está sendo as coisas em casa? Daniel está indo bem na escola? Aqui as coisas estão meio complicadas e talvez por isso, não seja possível que eu retorne para casa tão cedo. Não sei em quanto tempo esta carta vai chegar em você e se eu sequer vou estar vivo para poder ler a sua resposta. Acho que depois de você ler esta parte do “vivo”, ficou assustada.

Sei que talvez isso não seja exatamente uma missão para o exército, mas é algo que precisamos fazer e é bem arriscado. Queria sim, poder me despedir de você e de Daniel antes de partir para a nossa missão, mas sei que isso não será possível.

Não posso lhe dar muitos detalhes, mas irá demorar um tempo para que eu possa te mandar outra carta, por isso espero que tenha paciência e que daqui a algumas semanas estarei em casa de novo. Caso algo aconteça (o que não irá), vocês serão os primeiros a saber.

Peça para Daniel se cuidar e não se preocupar muito pois sei como é a cabecinha de nosso filho. Também fique calma, querida. Quantas vezes já fui em missões e voltei, certo? Se cuidem direito e tudo irá dar certo. Lembrem-se que os amo demais.

Com amor e carinho, Peter Martini.”

- Como ele quer que eu não fique preocupada? - Rosa perguntou a si mesma. Sabia que o marido era experiente, mas sempre ficava nervosa com suas missões. Tinha medo de nunca mais poder vê-lo. - Preciso falar com Daniel.

Após isso, Rosa foi em direção ao quarto do filho para lhe passar a notícia. Sabia que Dani ia ficar assustado, desde que sua relação com o pai sempre foi boa e o pensamento de o perder era grande.

Daniel ficou na sala mais uma vez, pensando o que poderia fazer. Mas nada vinha em sua cabeça. O que teria que fazer? Ir atrás de Peter e ajudá-lo com a tal missão, pois assim ele voltaria para casa e ficaria com a família? Sentia que não era isso. A única coisa que tinha certeza era que ficar ao lado de Dani era o melhor a se fazer no momento, sabia que ele passaria por dias estressantes daqui adiante.

[...]

20 de março de 2021

Daniel acordou calmamente dessa vez. Normalmente acordava agitado e às vezes suando, mesmo estando frio do lado de fora. Levantou da cama e fez sua rotina de sempre. Foi ao banheiro, desceu para tomar café e conversar com a sua avó sobre o sonho. Não se preocupava muito com Yuri ouvir algo ou sequer sentir, já que Alexandra disse que a probabilidade de Yuri ter esses sonhos é muito pequena.

- Nem sempre a missão é algo grande como salvar a vida de alguém ou investigar algo, Daniel. Pode ser algo bem simples, mas que tenha grande significado. - Alexandra dizia ao neto enquanto cortava seu pão.

Conforme o dia ia passando, isso não saía da cabeça de Daniel. A sua missão podia estar na sua cara, mas não iria descobrir tão cedo. Além do mais, tinha medo de que se não fosse atrás de saber o que era sua missão, poderia nunca a concluir.

Agora que estava de férias do trabalho, podia pegar Yuri em sua escola. Logo que terminou suas aulas na faculdade e pôde se despedir dos amigos, saiu em direção a escola do irmão. Não demorou muito para chegar, já que sua escola não era tão longe da faculdade de Daniel.

Assim que parou a moto, viu Yuri encostado perto da entrada da escola mexendo no celular. Buzinou tentando chamar a atenção do garoto, o que funcionou.

Yuri guardou o celular no bolso da calça e olhou para os dois lados antes de vir correndo até a moto do irmão. Pegou o capacete que normalmente usa, sentando-se na garupa.

- Você tem muito dever? - Daniel perguntou depois de um tempo sem fazer nada. Yuri estava estranhando sua demora e ficou mais confuso ainda quando ouviu a pergunta do irmão mais velho.

- Não... Por que?

- Quer tomar sorvete? - Logo que ouviu a palavra “sorvete”, Yuri já abriu um sorriso. Não existia uma pessoa que gostasse tanto de sorvete quanto ele; qualquer tipo era do agrado do mais novo e já fazia um bom tempo desde a última vez que saiu com o irmão mais velho para tomar sorvete.

Daniel foi em direção a uma antiga sorveteria onde costumavam tomar sorvete quando mais novos. Pediram três bolas de sorvete cada e se deliciaram por um bom tempo; estavam felizes por poderem ter esse tempo de irmãos.

E Daniel pensou que talvez seja só isso sobre sua missão. Não podia fazer nada em relação ao pai de Dani para que ele voltasse são e salvo (pelo menos ainda acha que não), então, talvez, ficar ao lado do garoto como um irmão mais velho seja a solução. Tudo bem que não pode sair para fazer as coisas como faz com Yuri, mas ainda podia distraí-lo e fazer ele se divertir.

Como sua vó disse, sua missão poderia ser algo simples como manter Dani feliz enquanto seu pai voltava para casa, pois sabia que sua relação com ele era boa e que sua família era unida.

Cinco

25 de março de 2021.

Estranho.

Estranho demais.

Não tinha os sonhos a uma semana. O que ficava cada dia mais estranho ainda. Perguntava para a sua avó se algo assim já havia acontecido, ela dizia que não. Tentava dormir em horários diferentes e absolutamente nada acontecia!

Nada aconteceu em sua vida para parar de sonhar, e tinha certeza que não havia concluído sua missão para simplesmente parar de sonhar. Algo podia ter acontecido no mundo de seu sonho, mas o que seria, para deixá-lo de sonhar?

No momento, estava sentado em uma mesa do refeitório no campo da faculdade. Estava olhando o nada enquanto batucava os dedos na mesa. Seus amigos também estavam ali, mas o assunto estava tão bom que mal percebiam os olhos esbugalhados de Daniel e sua cara de confusão.

Sua mente estava dando um nó completo, pensava em tantas possibilidades para o motivo de parar de sonhar que mal sentiu quando alguém o cutucou no ombro. Somente percebeu alguém atrás de si quando seu nome foi chamado. Virou o corpo e lá estava ela: Pietra.

- Daniel, certo? - Pietra perguntou, sua cara não exalava nada. Nem mesmo curiosidade em perguntar o nome do rapaz; como se aquilo fosse algo que já sabia a séculos.

- Sim... - Daniel ficou confuso. Nunca tinha falado com Pietra e agora ela chegou assim, do nada. Olhou para os seus amigos que haviam ficado em silêncio, só observando a cena em sua frente.

- Posso conversar com você? - Pietra colocou as mãos no bolso da jaqueta, se encolhendo e esperando alguma confirmação de Daniel.

- Sim, sim. Claro. - Daniel se apressou em colocar as coisas na mochila e se levantar, seguindo Pietra que logo começou a andar. Isso, claro, não antes de olhar seus amigos com uma cara de confusão e receber gestos para se

apressar. Eles deviam estar achando aquilo suspeito já que Pietra nunca tinha falado com o grupo e muito menos Daniel.

Pietra foi em direção ao campo, onde normalmente faziam piqueniques ou os festivais anuais. A garota jogou os cabelos para trás, após tirar sua jaqueta, deixando à mostra suas tatuagens. Se sentou em um banco próximo a uma árvore, observando Daniel.

- Você é estranho. - Disse, simplista. Esperou alguma reação de Daniel, mas notou que ele estava tão concentrado em suas tatuagens que começou a ficar impaciente. Chamou-o mais uma vez, finalmente conseguindo sua atenção. - Só ficou mais estranho...

Murmurou, já estava se arrependendo de ter chamado Daniel. O assunto era, de certa forma, sério e uma amiga sua insistiu tanto para que falasse com Daniel, que uma hora acabou cedendo.

- Desculpa... - Coçou a nuca; estava se sentindo um bobo. Voltou a encarar Pietra, esperando-a dizer algo, o que não aconteceu. - O que você queria falar comigo?

- Certo... Bom, você sabe sobre os sonhos, né? Então, aconteceu algo entre a divisão dos mundos e está um caos! Estão tentando arrumar, mas parece que houve algo como uma rachadura. - Disse calmamente, olhando as unhas. Assim que levantou a cabeça, encontrou um Daniel totalmente paralisado; não conseguiu conter o risinho que escapou de seus lábios de forma baixa. - Imaginei que gostaria de saber. Andei te observando e parecia que iria surtar daqui a pouco.

- Como... - Levantou um dos braços apontando para Pietra, mal conseguindo terminar a frase. Foi muita informação jogada em sua cara. Pietra sabia sobre os sonhos, sabia o que estava acontecendo, sabia que estava um caos (mas o que exatamente?), e além do mais, tinha uma rachadura nos "mundos"? Estava tão confuso.

Pietra perdeu o sorriso quando viu Daniel ficar branco, se assustou pensando que o garoto ia desmaiar e logo pediu para ele se sentar no banco, ao seu lado. Começou a abaná-lo com as mãos, pedindo para ele respirar.

- Eu vou te explicar tudo, mas primeiro se acalme, por favor. - Disse apressadamente.

Daniel respirou fundo, olhando para Pietra ainda com os olhos esbugalhados. Esperou um tempo, ouvindo o suspiro de Pietra, que logo começou a falar.

- Você não é único que tem sonhos, sabe disso? - Esperou a confirmação de Daniel para prosseguir. - Abrindo o jogo, há uma “sede” que cuida das transições: quando você sonha e vai para outro mundo, ou seja, o mundo de seu sonho. Todos são reais, a diferença é a época em que se passa.

“Pode ser daqui a 20 anos, 50 anos ou um século. Você também pode ir para um mundo de anos atrás. Mas no final, tudo está conectado. Sempre irá encontrar alguém parecido com você, por que é simplesmente um mundo paralelo. Assim, a sede controla as brechas entre os mundos e pelo o que eu soube, alguém ou algo fez uma parte rachar. Como? Eu não tenho ideia; não dão muitas informações, nunca se sabe o que acontece lá dentro.”

“No nosso mundo de ‘sonhadores’, existem vários tipos de pessoas. Cada um exerce um papel: temos nós, os *dreamers*, que tem os sonhos e sua própria missão, vale ressaltar que é raro você ter mais de uma missão por vida. Tem os *travelers*, estes que cuidam das brechas, podendo viajar para qualquer mundo e cuidar de algo que esteja errado na passagem. Tem mais pessoas com mais funções, mas isso você aprende com o tempo.”

- E como você sabe de tudo isso? Como sabe que eu também sonho? - Daniel perguntou de forma afobada. *Muita informação. Demais.*

- Eu sou amiga da irmã da sua avó. - Deu de ombros. - Ela disse que era para eu te contar que também tinha sonhos o mais rápido possível e que era para eu te ajudar. E eu sei de tudo isso porque queria aprender mais sobre esse mundo.

- Você fala como se tivesse mais de 100 anos.

- E quem sabe eu tenho? - Perguntou risonha, abanando as mãos ao perceber a cara de espanto de Daniel. - Estou brincando. Eu estou a um bom tempo tentando concluir a minha missão, por isso fui atrás de informações que podiam me ajudar.

- Entendi... E como sabe da rachadura na... fenda? Brecha? - Coçou mais uma vez sua nuca, confuso.

- Tenho amigos que trabalham na sede, eles me dão informações.

- E isso não é errado?

- Sim. - Sorriu. Daniel se afastou um pouco, Pietra nunca pareceu tão doidinha como agora, enquanto sorria desta forma. - Enfim, você tem mais alguma pergunta?

- Agora não. Talvez mais tarde. - Após dizer isso, foi como uma luz acendeu na cabeça de Daniel. - Ei, em que ano seu sonho está?

- Ah, 1989.

- Você cuida de uma garota, certo? Ela também tem um amigo parecido comigo?

- Sim... Como sabe disso? - Pietra perguntou, arrumando sua franja que caía na frente dos olhos.

- Acho que... estamos no mesmo mundo. Meu garoto tem uma amiga, ela é igual a você, Pietra. Somente tem uma aparência mais nova. Eu tenho a sensação que a minha missão é algo relacionado ao pai do garoto.

- De Sunny com certeza é. Sua relação com a mãe não é boa. A garota quer ser livre e se divertir, mas não é isso que a mãe dela tem em mente. Em muita de nossas conversas, já disse que sente saudades de seu pai pois ele deixa ela ser quem bem quiser.

Pietra brincava com os anéis enquanto falava. Sua situação não era tão diferente. Sua mãe nunca lhe apoiou na escolha de sua faculdade, na escolha de suas roupas, seu cabelo, e ficou furiosa quando viu as primeiras tatuagens da garota. Hoje, Pietra faz o máximo para conseguir manter o apartamento alugado com o pouco dinheiro que ganha em seu trabalho. Seu pai... preferia deixar esse assunto para outra hora.

- Não sei o que aconteceu com o pai dela, mas tenho pistas e preciso ir atrás. - Pietra continuou. - Sei que minha missão não é simples e nem posso ficar parada.

E assim, ficaram quietos. Daniel olhava o céu pensando em todas as coisas que ouviu hoje. Era tanto que ainda precisava aprender, tanto que ainda não sabia. Porém sentia que sua jornada estava no fim.

Olhou para Pietra, observando-a por um tempo. A garota continha uma beleza excepcional; seu rosto tão angelical junto a seu cabelo loiro como o sol, seus olhos castanhos transmitiam cansaço. Pensava que para a garota saber

tanto sobre a sede, dizer que estava a tanto tempo tentando concluir sua missão, o cansaço a consumia. Além de nunca ter visto Pietra com alguém.

Juntou as mãos dos dois, fazendo Pietra se assustar de início, mas logo se acalmou ao olhar para Daniel. Seus olhos estavam acolhedores e seu sorriso calmo. *Os dois se olharam e sentiram que dali para frente iriam se tornar bons amigos.*

Seis

15 de abril de 2021

- Vamos! Entre! - Pietra estava prestes a arrancar seus cabelos. Estavam há uns dez minutos tentando entrar no *túnel*, mas Daniel não queria cooperar. Mais uma vez, o garoto se afastou negando com a cabeça e se não fosse pela grande paciência de Pietra, Daniel seria colocado lá dentro a força.

- Olha isso! Eu nem sei onde acaba e você quer que eu entre aí?

- Você não quer ver Dani?! - Pietra jogou pelo lado sujo.

- E o que isso tem a ver?! - Daniel gritou de volta. Não estavam bravos ou algo do tipo, é aquela situação em que seu amigo começa a gritar e você segue o fluxo. Acontece, né?

- Podemos descobrir mais informações sobre como está a fenda entrando ali! - Apontou para o túnel. Suspirando, jogou os cabelos para trás e olhou com fogo nos olhos para Daniel, que sentiu que seria naquele momento em que entraria naquele túnel de qualquer forma.

Já havia se passado mais de três semanas desde o momento em que parou de ter sonhos, assim, fazendo duas semanas desde que começou sua amizade com Pietra. E também foi a alguns dias atrás que Pietra teve a ideia maluca de levar Daniel a sede dos sonhos. No início, não foi tão ruim assim, mas ao saber que teria que passar por um túnel começou a ficar receoso. Ficou ainda mais quando viu como era o tal *túnel*.

- Daniel... - Pietra rangeu os dentes enquanto falava. - Estamos aqui a um bom tempo, não há nada demais nesse túnel e daqui a pouco vamos chamar mais atenção do que já estamos chamando!

O túnel era ao lado de um bar - chamado Dream Night -, bem no centro da cidade. Estava de dia, o que significava que o famoso bar estava fechado, mas o fluxo de pessoas na rua ainda era grande, fazendo Daniel dar uma olhada, notando algumas pessoas olharem para os dois suspeitos em um beco.

O garoto coçou a nuca, Pietra ainda havia lhe dito que somente pessoas com algum "poder" relacionado aos sonhos poderiam ver os túneis. Sim, havia mais espalhados pela cidade. O que fez Daniel ficar confuso, pois só havia uma sede; então como poderia tantos túneis darem no mesmo local?

Pietra deu um peteleco na testa de Daniel, chamando a sua atenção. Às vezes, o rapaz entrava em um estado estranho em que ficava concentrado demais em seus pensamentos esquecendo as coisas que aconteciam ao seu redor. Isso junto aos seus olhos que ficavam esbugalhados.

Daniel suspirou e foi lentamente até o túnel. Olhou mais uma vez para Pietra e se agachou para poder entrar. Não sabia descrever como era o túnel por dentro. Era totalmente escuro, com alguns pontinhos brancos que ficavam ao redor, talvez para iluminá-lo.

Estava indo devagar quanto sentiu colocar a mão em um *nada*. Se assustou, notando que a partir dali não tinha mais para onde ir e era queda livre. Olhou para Pietra que estava logo atrás de si, só recebendo um aceno de cabeça, como se dissesse para ele continuar. Mas claro que Daniel não mexeu nem um músculo. *O que ela queria? Que ele simplesmente pulasse?*

Daniel capturou o exato momento em que Pietra revirou os olhos e esticou os braços, empurrando o rapaz.

Aquela sensação foi a pior que Daniel já sentiu. Estava caindo rapidamente, se debatendo, tentando procurar algo para se segurar; o que não ocorreu, pois não tinha absolutamente nada para se segurar.

Fechou os olhos, sempre esperando o momento em que fosse chegar no chão - ou pelo menos em algum lugar -. Não sabia se o que estava acontecendo era certo, muito menos se Pietra estava atrás de si ou se tinha o deixado cair sozinho.

Em algum momento, suas costas encontraram algo macio. Ainda estava sem coragem para abrir os olhos e ficou mais receoso após não sentir nada na hora que encostou na tal coisa macia. *Será que tinha morrido?*

- Daniel? Chegamos. - Ouviu a voz de Pietra, seguido de um cutucão em seu ombro.

Quando abriu os olhos, primeiro viu o teto; de cor branca. Moveu os braços e as pernas ainda deitado para ter certeza que não quebrou nada, levantando o tronco devagar após ter certeza que tudo estava em seu devido lugar.

O que viu o surpreendeu. Não tinha nada em volta. Estava em uma sala, com algo parecido com um colchão vermelho - este que *amorteceu* sua queda - Pietra já estava em pé na sua frente, de braços cruzados.

- Eu tenho tantas perguntas... - Daniel resmungou, se levantando e colocando a mão na cabeça. Estava meio perdido.

- Faça-as depois. - Pietra disse dando de ombros. Começou a andar em direção a um corredor quando notou que Daniel já estava bem o suficiente para andar. - Vamos, quero te mostrar o lugar.

- Pietra, por que minha avó nunca disse nada sobre isso? - Perguntou após um tempo de caminhada e silêncio. Pietra olhou para ele com uma cara de interrogação. - Digo, este lugar. A sede.

- Não sei. Talvez ela não achasse necessário te falar sobre esse lugar. Não é sempre que acontece algo do tipo “houve uma rachadura na brecha”.

- Entendi... - respondeu, concordando com a cabeça. Claro que ficava curioso com essas coisas. - Ah! Eu não esqueci que você me empurrou!

Daniel disse indignado, fazendo Pietra rir. Uma risada gostosa e sincera. Depois disso, ficaram conversando sobre coisas aleatórias até chegar no final do corredor, o que demorou um século segundo Daniel.

Pietra disse que aquela era a parte do centro, e por algum motivo, Daniel sabia que ia ser daquele jeitinho, mas ainda ficou boquiaberto. O salão principal era grande, ou melhor, enorme! Algumas pessoas andavam conversando, outras estavam correndo com coisas em suas mãos. Havia escadas nos cantos, levando para outros locais.

Mais à direita, havia uma parede de vidro, onde dentro parecia ter um laboratório. Duas pessoas trabalhavam, e uma delas lhe chamou mais a atenção. Seu cabelo era verde, a mesma cor de um sorvete de menta.

Pietra notou o que Daniel observava, deixando um risinho baixo escapar e puxando-o em direção ao local. Deixou-o surpreso quando abraçou a tal pessoa de cabelos cor de menta e logo depois a outra pessoa que se encontrava ali.

- Daniel, este é Bennett. - Apontou para o rapaz de cabelos loiros. *Para Daniel, seu cabelo nem loiro era, e sim branco.* - E esta é a Sucrose.

- Olá! É um prazer conhecê-lo. - Bennett disse animado. O rapaz era bem bonito; seus olhos eram verdes e apesar de ter uma estatura baixa, sua fisionomia era bem bonita.

- Pietra já disse sobre você. - Sucrose falou baixo. Seus olhos eram cor de mel e olhando mais de perto, pode notar uma faixa de cabelo azul em sua

franja. Um azul tão claro que mal dava para ver no meio do emaranhado de cabelo cor de menta.

Bennett e Pietra começaram a conversar, logo Daniel foi se juntando a eles. Pietra explicou que conhecia os dois desde pequenos. Eles acabaram se tornando dois cientistas que trabalham na sede - e também são os amigos que lhe passam informação -. Sucrose estava mais quieta, as vezes ajeitava os óculos de armação redonda se distraíndo com a conversa do trio, mas logo voltava a prestar atenção no seu trabalho.

- E tem alguma informação nova? - Pietra disse se apoiando no balcão que havia na sala, chamando a atenção de Sucrose com a sua pergunta.

- Já te falamos muito, Pietra. - Bennett respondeu, ajeitando o seu jaleco. - E sabe que não podemos te dar tantas informações assim.

- Mas só um pouquinho...

- Estão suspeitando que realmente foi alguém. A rachadura não é como as outras, parece que de alguma forma foi cortada. O que não faz sentido; como alguém iria cortar algo que, praticamente, não existe? - Sucrose que respondeu de forma pensativa. Ajeitou os óculos e olhou para Pietra, em busca de alguma resposta.

- Isso é estranho. Não há nenhum suspeito?

- Nenhum. - Bennett respondeu mais uma vez. - E só fica pior. Parece que quando se corta alguma parte da fenda, ela “cai”. E fica, literalmente, um corte, um buraco na fenda. Nos deram alguns pedaços para trabalhar, mas ainda não conseguimos nada.

Bennett pegou um pequeno pote de vidro, onde dentro continha algo preto. Parecia mais um tecido do que a parte da fenda, mas Daniel preferiu ficar quieto e deixar aquela informação guardada em sua mente. Após olhar melhor, também pensou que aquilo era como um fungo. Sua aparência era esquisita e estava como se uma parte estivesse apodrecendo.

- Sabe essa parte mais preta? - Bennett apontou.- Parece que está apodrecendo e a parte onde a fenda foi cortada está igual.

- Mas... isso significa que a fenda pode apodrecer inteira, certo? Porque é como ela se espalhasse até tomar conta de tudo e... matar? - Daniel falou seus pensamentos em voz alta, fazendo os outros três olharem-no.

- Tememos que sim. - De forma receosa, Sucrose respondeu-o.

- E tiveram pessoas que ficaram presas do... outro lado? - Daniel perguntou alarmado, fazendo uma luz acender na cabeça dos outros.

Se a fenda se destruísse, as pessoas poderiam ficar presas para sempre, pois não haveria uma rota de volta. Daniel pensou que se uma pessoa fosse fazer isso, ela provavelmente não gostava dos sonhos, de forma alguma. *Ou havia outra coisa por trás de tudo...*

- Mona já sabe disso? - Pietra perguntou após um tempo de silêncio. Todos estavam pensando em teorias e possibilidades para tudo o que estava acontecendo.

- Mona? - Sucrose perguntou, olhando rapidamente Pietra para baixar os olhos mais uma vez. - Ela está tentando achar o motivo de tudo isso estar acontecendo.

- Quem é Mona? - Daniel perguntou depois de alguns minutos. Ele e Pietra estavam sentados em um canto olhando Bennett e Sucrose trabalhando: Sucrose já tinha puxado a orelha de Bennett por ele estar falando demais e não trabalhar.

- É uma amiga nossa. Ela já fez sua missão, então hoje está encarregada de fazer algumas coisas aqui na sede.

- E como você conhece tanta gente que trabalha aqui?

Pietra suspirou. Não gostava muito daquele assunto mesmo que fosse simples.

- Meu pai já trabalhou aqui.

- No passado? E onde ele está agora? - Daniel soltou as perguntas distraído, estava apenas curioso sobre certas coisas de Pietra. A garota nunca tocava no assunto do pai, o que sempre deixava-o curioso sobre isso.

Pietra não respondeu e Daniel soube que não devia levar aquilo adiante; sabia que quando Pietra estivesse a vontade para falar, ela iria contar.

Nesse momento, Daniel se preocupou com Dani. Provavelmente o garotinho deve estar estranhando a sua sumida, já que foi sem explicação. Pior, Daniel sabia que Dani devia passar o dia sozinho em casa e sem companhia, esperando o retorno do pai e o de Rosa - quando ela estava fora do trabalho -.

A mesma coisa passava na cabeça de Pietra. Sunny detestava ficar sozinha com a mãe e mesmo que Pietra não fosse uma pessoa real de

verdade naquele mundo, sabia que somente sua mera companhia já deixava Sunny feliz.

Para Pietra, Sunny era como sua irmã mais nova. Já estavam a um bom tempo juntas e iria ficar triste quando sua missão acabar, pois isso significa que teria de se separar de Sunny. Mas sabia o quão forte e esperta era a garota e que saberia se virar logo que Pietra fosse embora.

Chegando no fim do dia e após longas conversas (e reclamações de Sucrose por não estarem trabalhando), Pietra e Daniel foram embora. Quando estava andando pelo corredor de onde veio inicialmente, Daniel perguntou a Pietra como iria voltar ao túnel, já que era uma simples caída.

A única coisa que recebeu de Pietra foi um sorriso ladino, este que fez o corpo de Daniel entrar em alerta. Algo lhe dizia que a saída seria pior que a entrada. E talvez, só talvez, Daniel não estava preparado para voltar.

Sete

25 de Abril de 2021

E assim, os dias foram se passando. Ficava um tempo com Pietra ou com seus amigos. Também andou saindo mais com Yuri, o que deixou Alexandra mais calma, pois Yuri estava ficando mais próximo do irmão mais velho.

Também tinha Dani. Não sabia quando seus sonhos iam voltar, somente recebia algumas informações de Pietra, ou de Mona; quem acabou conhecendo alguns dias atrás.

Estava sentado no sofá de sua sala com um balde de pipoca ao seu lado. O dia foi corrido, somente queria ver algum filme junto a uma bela pipoca. E foi o que fez no final.

Yuri já estava dormindo a um bom tempo, o que Daniel estranhou, pois, o garoto nunca ia para a cama cedo. Alexandra retornou para o seu quarto depois de ter uma longa conversa com Daniel, sobre os sonhos e todo resto. Acabou tendo que responder algumas coisas que Daniel ainda precisava, mas nada grande.

Quando notou, seus olhos fecharam e entrou em um sono profundo.

[...]

27 de outubro de 2020

Quando “chegou” no quarto de Dani, ficou surpreso. Aparentemente, as coisas já tinham se ajustado para poder sonhar.

Olhando ao redor, notou que o quarto estava um pouco diferente. Parecia menos vivo, metade de os desenhos ou *posters* não estavam mais nas paredes. E logo que olhou para a cama, viu Dani.

Ele estava encolhido, ressonava baixinho. Daniel olhou o relógio que se encontrava perto da cama, era por volta das onze horas da manhã.

Decidiu não acordar Dani, ele tinha uma feição cansada (mesmo que dormindo).

Saiu do quarto em silêncio, apesar de somente Dani conseguir enxergá-lo e ouvi-lo, ainda era bom tomar cuidado. Desceu as escadas com calma, já fazia um bom tempo desde que não via a casa.

Quando chegou perto da cozinha, pôde sentir um cheiro delicioso. Entrou no cômodo encontrando Rosa, que aparentemente cozinhava o almoço.

Não sabia o que fazer; tinha acabado de voltar e Dani ainda dormia. A casa parecia estar com uma aura estranha e Daniel ficou com medo do que podia ser. Será que tinha a ver com o pai de Dani?

Voltou ao quarto, vendo Dani sentado na própria cama enquanto olhava fixamente para o chão. Quando o garoto levantou a cabeça e viu Daniel, seus olhos encheram de lágrimas.

Para ele, Daniel era como o irmão que nunca teve, era um amigo que ficou ao seu lado com a deixa do seu pai. Seu coração já estava apertado com a partida do pai, e depois Daniel ainda sumiu.

E foi assim, após as primeiras lágrimas de Dani caírem, que Daniel notou que sua missão estava longe de acabar. Notou que o motivo das lágrimas não foi somente sua partida, mas também a de outra pessoa.

Dani desejava uma vida normal, com calma, e Daniel seria a pessoa capaz de fazer isso acontecer.